

A ESCRITA E A HISTÓRIA

PEDRO ALBERTO DE OLIVEIRA SILVA

A comunicação escrita surgiu na história das civilizações como a maior “invenção social” da Humanidade. É o resultado de um esforço coletivo, lento, que toma forma e complexidade *pari passu* com o evolover da própria raça humana.

Quando se estuda a origem e evolução dos vários sistemas de comunicação verbal e escrita, quanto ao seu conteúdo genérico, sua dinâmica e sua representação cultural, estamos no campo da lingüística e da filologia.

Quando enfocamos a escrita como veículo de transmissão dos sentimentos, anseios, temores, experiências e conhecimentos outros de uma época às gerações futuras, ou seja, como elo de ligação do presente com o futuro, aí a escrita torna-se uma arte eminentemente histórica, constituindo-se, na realidade, um dos pilares básicos da ciência histórica; daí ter-se convencionado afirmar que os tempos históricos de uma determinada civilização tem início quando sua tradição escrita é compreendida atualmente, o que ocorre geralmente com a decifração das escritas de línguas extintas pelos lingüistas.

Claro que a história não tem como fonte informativa apenas testemunhos escritos; várias ciências auxiliares e afins contribuem diretamente na reconstituição, explicação e interpretação do “fato histórico”. Não foi por acaso que se afirmou ser a Geografia e a Cronologia “os olhos e os ouvidos da história”; aquela localizando o fato no espaço, esta, no tempo.

A escrita na antiguidade teve um destaque quase sagrado e seu uso era privativo das classes dominantes. Nos tempos modernos foi a principal arma de conquista das massas injustiçadas, foi veículo nivelador das classes sociais.

A história da escrita deve ter começado quando a “tradição oral” se tornou insuficiente ao registro das experiências e conhecimentos que o progresso cultural das sociedades em evolução vinham acumulando. Foi o primeiro grande desafio da História às civilizações incipientes.

Supõe-se que as primeiras fases da invenção da escrita ocorreram independentemente em vários locais do mundo. A escrita fônica foi resultado da convergência dessas primitivas tentativas de sistematização, fato esse ocorrido através do contato cultural entre as grandes civilizações da Antiguidade.

Há uma certa variação na apresentação das principais fases evolutivas da história da escrita, ao consultarmos, especialmente, obras de referência. Isso ocorre, não por desuniformização ou primitivismo de conhecimentos nesse setor; muito pelo contrário, essa variação se deve à riqueza de conhecimentos nesse setor. O fato decorre apenas de uma questão de maior ou menor profundidade na informação.

Existe uma distinção entre “pré-escritas” e “escritas propriamente ditas”. Entre as primeiras enquadram-se os “pictogramas” e a “escrita pictográfica”. A escrita acha-se mais ligada ao fenômeno da linguagem — na sua forma mais evoluída — do que ao simples registro de sinais mnemônicos ou representativos. A escrita propriamente dita é sistematização de convenções, visando à simplificação do registro do pensamento. Assim definem os mestres o termo: “L'écriture, expression graphique du langage” (C. Higounet); “une représentation visuelle et durable du langage, qui le rend transportable et conservable”. (M. Cohen.)

De maneira geral, as principais fases evolutivas da história da escrita são a *pictográfica*, a *ideográfica* e a *fônica*. Essa última divide-se em duas subfases — a silábica e a alfabética. Há referências, ainda, de uma fase dita “determinativa” — entre a silábica e a alfabética — e outra chamada “acrofônica”, intermediária entre a escrita ideográfica e a fonográfica.

A ciência histórica toma como testemunho documental “todo e qualquer vestígio do passado”, mormente os vestígios de comunicação escrita, em qualquer de seus estágios evolutivos, sendo que as fases primitivas da escrita exigem muita erudição de quem as interpreta, o que torna, muitas vezes, certas informações históricas aparentemente contraditórias. O conhecimento histórico, condizente com a “realidade” de um fato no qual houve a participação direta do livre arbítrio de seu autor, só nos é chegado, em sua totalidade, atra-

vés da comunicação escrita, plenamente entendida por quem a recebe.

As ciências históricas que lidam com a palavra escrita como veículo de informação do passado são a *Epigrafia* e a *Paleografia*.

A Epigrafia trata das inscrições, a Paleografia das escrituras. Em outras palavras, a primeira estuda a escrita sobre materiais imperecíveis, rígidos, tais como: pedra, metais, cerâmica etc. A ação de gravar fere a "matéria escritória", penetra no material passivo que recebe a escrita. A Paleografia estuda a escrita sobre materiais perecíveis, tais como: papiro, pergaminho, papel e tecidos. Essa "matéria escritória" não é ferida na sua intimidade, recebe apenas a tinta que lhe é aposta.

Alguns dicionários e enciclopédias assim definem essas ciências: Epigrafia: "ciência das inscrições ou a que procura a melhor interpretação das inscrições antigas"; Paleografia: "conhecimento das escrituras antigas, e particularmente a arte de as decifrar". (*Dic. Caldas Aulete*). Epigrafia: "ciência que procura decifrar e interpretar inscrições antigas"; Paleografia: "estudo dos antigos documentos e da maneira de decifrá-los". (*Dic. Enciclopédico Brasileiro Globo*.) As enciclopédias e dicionários estrangeiros definem melhor essas ciências. Epigraphy: "a term used to denote ⁽¹⁾ the study of inscriptions collectively; ⁽²⁾ the science connected with the classification and explanation of inscriptions; and ⁽³⁾ in a more contracted sense, the paleography in inscriptions"; Paleography: "in the strict sense, means the study of ancient handwriting. As such it is fundamental to two more complex disciplines: first, to Diplomatic, which studies all aspects of official and private business documents and archives and second, to the study of the various forms of manuscript book in which literary works circulated before the invention of printing". (*Britannica*, ed. 1966; essa edição dedica dezesseis folhas ao verbete.) Paleography: "the study of ancient modes of writing including inscriptions: the deciphering and identifying (as by origin or period) of ancient writings". (*Webster's*)

Definição completa de Paleografia e que bem sintetiza as definições citadas nos é dada pelo prof. Antônio Floriano Cumbreño, no seu livro *Curso General de Paleografia*: "La doctrina de las antiguas escrituras cuyo fin es el estudio de su evolución historica, establecida sobre bases críticas y dando al mismo tiempo reglas para su acertada interpretacion."

A tradição historiográfica brasileira quase não usa a Epigrafia, mas serve-se da Paleografia em documentos dos séculos XVI, XVII e até mesmo do século XVIII. Documentos paleográficos de grande interesse para a História do Brasil estão no esquecimento em arquivos europeus, e especialmente perdidos pelo Brasil afora; documentos estes em vias de destruição.

Atualmente está relegada a um plano secundário a pesquisa histórica no Brasil. Como consequência desse fato, os estudos mais especializados no campo da história e ciências afins quase não existem. Dentre os quais o da Paleografia. Praticamente não possuímos arquivos históricos organizados. Nos poucos que sobrevivem na inércia, o acervo documental histórico não se encontra nem tombado, nem normalizado. Portanto, perdidos para o pesquisador. A maioria das universidades brasileiras apenas formam professores de história para o magistério secundário. E, mesmo esse, desgastado por não haver interesse por parte dos jovens que não querem entrar num campo profissional onde os baixos salários são o normal, especialmente na área de história em que todo incompetente das outras áreas de humanidades procura guarida e sobrevivência.

Atualmente em nossa pátria, mais por tradição, a Paleografia é ensinada nos cursos de Biblioteconomia. Mas sua existência está com os dias contados. Na última reunião de professores desses cursos foi aventada sua extinção sob alegativa de faltar professores para a disciplina.

Os estudos paleográficos ligam-se ao campo da filologia, da lingüística e ao campo da crítica histórica. No tocante a esse último, a crítica documental fez surgir uma ciência específica — a Diplomática — graças aos estudos especiais realizados pelo monge Jean Mabillon no século XVII. Dedicou-se ela aos estudos de documentos escritos de caráter solene ou oficial.

Por que uma ciência só para estudar as escritas antigas? Qual é sua utilidade? São perguntas feitas geralmente pelos alunos de Biblioteconomia ao iniciarem os estudos de Paleografia. Dentro do espírito utilitarista e imediatista atual é difícil fazê-los compreender que, assim como várias línguas importantes do passado, desapareceram, suas representações gráficas também. Houve progresso. Testemunhos escritos ficaram e alguém tem que lê-los e interpretá-los. Na realidade, “o homem se conhece pela História”, e aquela escrita é uma comunicação do passado com o presente; são as experiências transatas se projetando no futuro.

A sistematização dos conhecimentos paleográficos foi uma conquista dos tempos modernos, exatamente nos séculos XVII e XVIII. Deve-se em grande parte esse fato, não só aos humanistas e renascentistas com suas contribuições na lingüística e na formação incipiente de um espírito crítico, mas especialmente a Jean Mabillon, autor do famoso livro *De Re Diplomatica Libri VI*, publicado em Paris em 1681. Como era de uso naquela época, trazia um título muito extenso: *De re diplomatica libri VI in quibus quidquid ad veterum instrumentorum antiquitatem materiam, scripturam et stilum, quidquid ad sigilla, monogramata, subscriptiones ac notas chronologicas,*

quidquid inde ad antiquariam, historicam, forensemque disciplinam pertinet explicatur et illustratur. Accedunt commentarius de anti-quis regum Francorum palatiis, veterum scripturarum varia specimina, tabulis IX comprehensa, nova ducentorum et amplius, monumentorum collectio.

Os franceses Dom Tassin e Dom Toustain publicaram em 1750 e 1765 um trabalho em seis volumes intitulado *Nouveau Traité de Diplomatique* continuando a obra de Mabillon que tinha ficado em seus estudos até o século XIII. O termo *paleografia* havia sido criado por Bernardo de Montfaucon, em 1708, na sua obra *Paleografia Grega*.

Todo sistema de escrita, desde a Antiguidade até os começos da Idade Moderna, está no campo da Paleografia. Podemos portanto falar de tantas espécies de paleografia quantos forem os sistemas de escrita antigas. Há uma paleografia grega, latina, árabe, hebréia, suméria etc. De uma maneira particular, um texto paleográfico se caracteriza: 1 — por estar escrito em material perecível (papiro, pergaminho, papel); 2 — por ser manuscrito; 3 — pelo traçado antigo e fora de uso de sua letra, que o torna ininteligível aos não especialistas; 4 — pela expressão lingüística fora de uso.

Há ciências “essencialmente paleográficas” e ciências “acidentalmente paleográficas”. As primeiras são aquelas que têm na escrita antiga o elemento essencial de sua existência, isto é, não existiriam sem ela; por exemplo a Diplomática. As segundas possuem a escrita como elemento incidental que, apesar dessa condição, muitas vezes, torna-se elemento de valia na determinação de certas características consideradas essenciais no esclarecimento de informações importantes no campo histórico. Entre as ciências acidentalmente paleográficas citamos a Esfragística ou Sigilografia e a Numismática.

O conhecimento paleográfico completo de um texto não implica somente em identificar, conhecer e ler um determinado tipo de letra, mais, sobretudo, conhecer a grafia em si da palavra, o seu sentido em sua época e além disso conhecimentos outros do campo lingüístico ou filológico.

Num documento escrito notamos duas partes essenciais: primeira, a “matéria escritória”, isto é, o material que recebe a escrita, ou ainda, o todo material do documento; segunda, o texto em si contendo a informação ou mensagem intelectual de seu autor.

O objetivo proposto pelo autor de uma mensagem escrita pode ter como destinatário alguém individualizado (pessoa ou instituição) ou apenas uma comunicação de natureza científica ou literária, de caráter impessoal. Esses princípios criam toda uma teoria do documento escrito.

Baseada nos testemunhos documentais antigos a Paleografia pode ser dividida em três tipos: *epigráfica*, *librária* e *documental* (literária, epistolar, diplomática).

A Epigrafia pode ser considerada uma especialização da Paleografia. A escrita epigráfica é monumental, rígida, impessoal, convencional. A escrita paleográfica, dada a sua técnica, é livre, pessoal, mais artística, mais comunicativa. Rigorosamente não há diferenças marcantes entre a letra "librária" e a "documental". De maneira geral a escrita librária, como seu próprio nome o diz, prendia-se ao livro; e como esse tinha outras finalidades culturais que não o documento de maneira geral, exigiu cuidados especiais no seu traçado.

O campo paleográfico abrange três setores: um técnico, um histórico e um crítico.

A Paleografia Técnica tem como objeto a leitura e interpretação de textos antigos, escritos em caligrafia desconhecida atualmente; sua transcrição para os sistemas de escritas atuais, além de estudar a estrutura material do documento, sua restauração e conservação. É conhecimento prático, adquirido pelo hábito de se manusear (lendo e interpretando) documentos paleográficos. A única maneira válida de se entrar na técnica da leitura de textos antigos, dizem os mestres mais experientes, é um regular conhecimento lingüístico, uma iniciação por um paleógrafo mais tarimbado, e uma leitura constante dos textos. O afastamento desse último implica num declínio sensível da técnica de leitura obtida.

A Paleografia Histórica estuda um determinado sistema de escrita abrangendo sua evolução através dos tempos, suas influências recíprocas sobre os sistemas de escrita de outras civilizações e a área geográfica de suas influências. Considerado sob esse aspecto, torna-se conhecimento intimamente ligado à Filologia, à Literatura, à História e à Diplomática.

A Paleografia Crítica apresenta-se como uma síntese específica dos conhecimentos paleográficos ligados ao conhecimento histórico, constituindo-se, na realidade, esses conhecimentos, o "conteúdo da Diplomática".

Destacando a definição de Diplomática que nos é dada pelo prof. Cumbreño: "ciência da fonte histórica escrita, de conteúdo jurídico, que tem por objeto estudar a evolução das estruturas documentais, analisando suas características externas e internas, para com isso ponderar o valor das mesmas como elemento da reconstituição histórica", chegamos à conclusão que é realmente através das "ciências gêmeas" da tradição escrita que a História pode chegar à maioria científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HIGOUNET, C. *L'écriture*. Paris, Presses Universitaires, 1964.
- COHEN, M. *A Escrita*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1961.
- DIRINGER, D. *A Escrita*, Lisboa, Verbo, 1968.
- CUMBRENO, A. F. *Curso general de paleografía y diplomática españolas*, Oviedo, Universidade de Oviedo, 1946.
- SAMARAN, C. *L'histoire et ses méthodes*. Paris, Pléiade, 1961.
- TESSIER, G. *La diplomatique*. Paris, Presses Universitaires, 1966.
- MARTINS, W. *A palavra escrita*. S. Paulo, Anhembi, 1957.
- BESSELAAR, J. van den. *Introdução aos estudos históricos*. S. Paulo, Herder, 1968.
- BUENO, F. S. *Estudos de filologia portuguesa*. S. Paulo, Saraiva, 1963.
- GLENISON, J. *Iniciação aos estudos históricos*. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.